

SÉTIMO ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA
EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA



História da Educação Matemática nos caminhos do
mundo digital e da democratização do conhecimento

Uma breve discussão sobre o uso da história oral e da pesquisa em um arquivo pessoal para a escrita de uma biografia

**A brief discussion on the use of oral history and research in a personal
archive for writing a biography**

Jean Sebastian Toillier¹

Resumo

O presente texto faz menções a um exercício biográfico, cujo objetivo foi compreender Lourdes de la Rosa Onuchic como uma educadora matemática. Para que isso fosse possível, foi utilizada a história oral como metodologia de pesquisa, além da pesquisa no arquivo pessoal da biografada. Esses dois momentos são aqui tensionados a partir de como foi feito para a elaboração da biografia, destacando, principalmente, o olhar que o pesquisador teve sobre as fontes orais e documentais utilizadas na pesquisa. Por fim, destacamos como as subjetividades aparecem para a escrita dessa biografia e para a escrita da história, mostrando que os dois tipos de fontes têm suas potencialidades e que não deve haver um jogo de forças entre elas.

Palavras-chave: Fontes orais; Documentos; Escrita biográfica; Lourdes de la Rosa Onuchic.

Introdução

A escrita de uma biografia impõe uma série de cuidados, cujo resultado culmina em *uma* representação do sujeito biografado. São adotadas características para dar o tom da narrativa, as quais contribuem para determinarmos qual face de nosso personagem é a que buscamos evidenciar. Conforme François Dosse (2015, p. 11) aponta “escrever a vida é um horizonte inacessível, que, no entanto, sempre estimula o desejo de narrar e compreender”.

A tensão central em uma biografia se situa entre a vontade de reproduzir o real

¹ Doutor em Educação Matemática, pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), campus Rio Claro. Docente Adjunto da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Membro do Grupo de História Oral e Educação Matemática (Ghoem). Email: jeantoillier7@gmail.com.

vivido e a imaginação do biógrafo, o que aponta para a impossibilidade de uma narração completa de uma vida, o que faz com que o gênero biográfico flutue em um espaço da ficção para a escrita da história, no sentido que é apontado por Hidden White (2001).

Uma ideia para a escrita biográfica é recorrer ao conceito de trajetória destacado por Pierre Bourdieu (1996, p. 189-190):

Ela conduz à construção da noção de trajetória como série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações. Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um "sujeito" cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações.

Nessa perspectiva, o sujeito narrado deixa de ser apenas a figura ilustre e passa a ser analisado a partir de seu lugar no mundo e as circunstâncias sociais que vivenciou. Por fazer parte de relações sociais, o indivíduo é transformado e transforma. Torna-se importante conhecer não somente os aspectos que atravessam o sujeito, mas como ele se constrói em um mundo que está em constante transformação. Além disso, para Dosse (2015, p. 212), "[...] a abordagem biográfica oferece a vantagem de um acesso ao sistema de subjetivação das normas institucionais e permite, só ela, resgatar a dinâmica em jogo". Ainda segundo esse autor, o corpo social passa a ser pluralizado, e indivíduos singulares e isolados passam a ser considerados por meio de uma abordagem pautada em outras ciências, como a sociologia, o que ajuda a enriquecer a escrita biográfica a partir da variedade de percursos individuais que podem ser estudados.

Com essas ideias em mente, realizamos a escrita de um exercício biográfico no qual narramos a trajetória da educadora matemática Lourdes de la Rosa Onuchic, pesquisadora que ainda atua na Educação Matemática, cuja trajetória como professora e educadora, iniciada na década de 1950, se estende até a terceira década do século XXI.

Nascida em São Paulo, em 3 de julho de 1931, Lourdes se licenciou em

Matemática pela Universidade de São Paulo (USP), em 1954. Após a licenciatura, ela se tornou mestre e doutora em Matemática pela USP de São Carlos em 1971 e 1980, respectivamente. Também foi professora do Instituto Isolado de Ensino Superior de Rio Claro (SP), de 1959 a 1966, da USP de São Carlos, de 1967 a 1985, e a partir do final dos anos 1980 foi credenciada como docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), em Rio Claro.

Lourdes teve uma grande dedicação ao ensino e à pesquisa de Matemática e Educação Matemática, tendo participado de diversos cursos de formação de professores e de educadores matemáticos, além de ser professora de cursos de bacharelado que formavam engenheiros. Durante muito tempo, se dedicou aos estudos de Equações Diferenciais, muito apoiada pelo seu marido e docente Nelson Onuchic, com quem se casou em 1955 e teve quatro filhos. Porém, mesmo com dedicação à pesquisa em Matemática, mantinha o interesse em aspectos do ensino de Matemática, participando e ofertando diversos cursos para formação de professores.

Essa rápida caracterização de Lourdes é importante para situarmos o leitor sobre quem foi nossa biografada. Falar, mesmo que brevemente, nos traz perigos, principalmente por leitores reduzirem Lourdes a essas poucas linhas descritas acima. Porém, não queremos ser saudosistas, tampouco reducionistas a ponto de dizer que Lourdes se reduz a essas breves palavras. Assim, para não incorrer nisso que consideramos um erro grave, propomos a escrita de uma biografia (Toillier, 2021), em que se discute o sujeito em sua historicidade, que carrega marcas do seu tempo e dos caminhos que traçou ao longo da vida. Um sujeito que não é neutro, mas atravessado por uma série de fatores que auxiliam na sua construção do ser. Em nosso caso, optamos por discutir a faceta “educadora matemática” de Lourdes e como se deu sua constituição enquanto tal. Uma faceta entre tantas possíveis, constituída a partir de um estudo cuidadoso sobre sua vida.

Portanto, para a escrita biográfica que realizamos, fizemos o uso de fontes orais, produzidas a partir da história oral, e de pesquisa documental no arquivo pessoal de Lourdes Onuchic. Na sequência, tensionaremos esses dois usos, discutindo esses aspectos metodológicos da pesquisa.

História oral e a pesquisa em um arquivo pessoal

A história oral foi embasada pelas discussões realizadas pelo Grupo de História Oral e Educação Matemática (Ghoem). Nossa escolha se deu por entendermos que a história oral, enquanto metodologia de pesquisa, aponta para as trajetórias individuais, eventos ou processos que são narrados ao entrevistador, que a partir de um processo hermenêutico elabora significações a partir de uma lente teórica que guia os processos analíticos sobre o material. Assim, além de auxiliar na análise de uma trajetória de vida, a história oral se constitui em *trajetória* ao longo de toda a pesquisa (Garnica, 2015), uma vez que não se trata de uma metodologia com processos totalmente fechados, mas que podem ser adaptados durante o fazer pesquisa, estando em constante construção.

Conforme destacado por Garnica e Gomes (2020), a história oral tem como um dos objetivos específicos a produção de fontes-narrativas e são elas que possibilitaram a elaboração da biografia sobre Lourdes de la Rosa Onuchic. Esses mesmos autores tratam sobre o potencial de criação que as narrativas produzidas em conjunto com nosso depoente têm em um momento de cocriação de fontes (Portelli, 2016). Assim, ao criar as fontes, que, no nosso caso, consideramos fontes historiográficas, demonstramos uma preocupação para que elas possam se tornar objeto de estudo de outros pesquisadores (GARNICA; GOMES, 2020).

Ainda em relação à criação de fontes, devemos atentar ao fato de que a posição do narrador/entrevistado se dá a partir da maneira como ele quer se criar, como ele quer se dar a conhecer, quer ser lido ou criado pelo outro, conforme discutido por Garnica e Gomes (2020). Cabe a nós, leitores e sujeitos passíveis de um movimento hermenêutico, construir nossos significados a partir desse discurso formulado, o qual se torna materializado em uma narrativa que se constitui em uma fonte historiográfica.

Isso significou que era fundamental ao pesquisador-biógrafo trazer discussões sobre possibilidades que permeiam e permearam a vida de nossa biografada, mas não necessariamente “o que ela viveu”. Investimos em uma operação historiográfica que buscou dar sentido às vivências de Lourdes e não apenas narrá-las de modo desconexo, desprezando os cenários da época do que foi por ela vivido. Optamos por

fazer alguns deslocamentos em que nossa biografada é a propulsora de algumas discussões, com ênfase em seu papel ativo, de indivíduo.

Nossa compreensão é a de que, com a história oral, podemos potencializar narrativas de vida que nos mostram cenários ao mesmo tempo únicos e plurais, pois surgiram de uma experiência subjetiva que se deseja contar, mas que são transformados a partir de uma ótica compartilhada, já que o narrador se narra, contando suas histórias, possibilitando que o pesquisador acesse esse universo do que é narrado e de quem narra, ou seja, permite que sentidos sejam construídos, tendo como estrutura fundante a memória daquele que narra. É no ato de narrar sobre si que ocorre uma produção de si e do mundo:

A produção de si não é o estado no qual o sujeito compreende ou explica o que é, mas um movimento em que o sujeito permite-se uma invenção do que é. A produção do mundo, por sua vez, não diz de uma perspectiva do mundo, como se o mundo fosse dado a priori e dele pudéssemos olhar em ângulo, mas uma apreensão momentânea de um mundo que já é perspectiva, a apreensão de uma multiplicidade, também uma invenção (Fernandes, 2014, p. 30).

Esse sujeito inventado no ato de narrar é um sujeito potente, personagem com traços diferenciadores elaborados em um determinado enredo, em que todas as falas são mediadas por relações construídas nesse e para esse cenário de atuação. O leitor passa, então, a inventar características próprias para personagens, situações e cenários contaminados pelos textos, de várias naturezas e em vários suportes que são a ele disponibilizados.

Ao longo da escrita biográfica que propomos, o papel que possuíamos se confundia: ora éramos o pesquisador-entrevistador que seguia os procedimentos metodológicos para a elaboração de fontes orais por meio da história oral², ora ocupávamos a posição de pesquisador-biógrafo que, além de fazer o uso das fontes orais produzidas, também se debruçava sobre outras fontes, por exemplo, documentos e produções bibliográficas – seja da própria Lourdes ou de outros materiais que compunham o rol de leituras realizadas ao longo da pesquisa para

² Não iremos discutir os procedimentos que fazem parte da metodologia de história oral. Esses procedimentos podem ser encontrados em Garnica (2015) e Garnica, Fernandes e Silva (2011).

entender os contextos enunciados. De maneira que, durante alguns momentos, havia um deslocamento de uma posição para outra. Porém, ao final, foi perceptível que as duas posições se entrecruzavam e se retroalimentavam, se confundindo tanto, em diversos momentos, que não é possível isolar uma da outra. Isso nos ajudou a compreender que “[...] o que analisamos não é, propriamente, a experiência do outro, mas o relato dessa experiência” (Fernandes, 2011, p.17), pois, conforme Larrosa (2002), não posso reviver a experiência do outro, a não ser que conseguisse reviver e tornar-se ela própria. O que é possível é apreendê-la, mobilizá-la e tecer significados para o que me foi narrado. Além disso, as pesquisas que fazem o uso da história oral como metodologia e que, conseqüentemente, lidam com experiências narradas, devem recorrer a outras áreas do conhecimento para uma busca de significação do que foi dito (Morais; Fernandes, 2019), o que não é uma prática apenas da história oral praticada pelo Ghoem, mas é o modo como acreditamos que deve ser realizada uma escrita biográfica.

Ao longo da realização da pesquisa, uma das questões centrais estava em encontrar um equilíbrio na narrativa biográfica que elaboramos. As singularidades devem ser tensionadas constantemente, pensando no sujeito fragmentado e em sua individualidade. Os modos de escrita e de relação entre o biografado e o contexto social em que está envolvido fazem com que se possa ver que a biografia alcança outros limites para escrita da história. Isso se dá ao pensar que se escolhe uma pessoa para biografar que representa algo – uma classe social, uma profissão, uma fé, uma crença ou, neste caso específico, um modo de ser educadora matemática – na e para a definição da estrutura social da qual essa pessoa faz parte, conforme nos diz Priore (2009). Ademais, essa autora sinaliza que o entendimento sobre os momentos da vida de nossa biografada reflete também as tensões de uma época. Desse modo, as tensões vividas são resolvidas por uma mobilização das transformações culturais de uma época, ou seja, “[...] o indivíduo é, ao mesmo tempo, ator crítico e produto de sua época, seu percurso iluminando a história por dois ângulos distintos” (Priore, 2009, p. 11).

Nesse mesmo sentido, Barroso (2016) complementa afirmando que o biógrafo consegue, a partir do discurso ou dos documentos a que tem acesso, encontrar os rastros sociais do indivíduo, seus conflitos e as contradições vividas em um

determinado tempo social, o que é fundamental para compreender o período e a personagem estudados. A narrativa histórica biográfica criada dá potência aos espaços e ao tempo, se imbuindo de uma ressignificação do passado, em uma trama que envolve o uso de entrevistas, documentos e de outras fontes.

Muitas pistas sobre a trajetória de Lourdes foram encontradas a partir de seus relatos orais, transformados em fontes para a pesquisa. Porém, foi necessário buscar em outros lugares, principalmente nos documentos que Lourdes possuía em seu arquivo pessoal.

Lourdes tem em sua casa um cômodo que é seu escritório de trabalho, repleto de pastas, livros, dissertações, teses, documentos, anotações e outras tantas formas de registros que nos ajudaram a entender sua trajetória. Infelizmente, não foi possível avaliar boa parte do material e, muito do que compõe seu arquivo pessoal, nem ao menos chegou a ser acessado durante a pesquisa. São centenas de livros que abrangem os mais variados temas, mas com predomínio de obras sobre Matemática e Educação Matemática. Ela também guarda um número elevado de revistas sobre Educação Matemática, com destaque para coleções de revistas como o *Bolema*, a *Zetetiké* e aquelas publicadas pelo *Nacional Council of Teachers of Mathematics* (NCTM). Além dessas obras, ela também guarda várias anotações, desde a década de 1970, dos eventos de que participou.

De tudo o que foi possível encontrar no arquivo pessoal de Lourdes, destaco uma de suas caixas que continha vários documentos – que não eram originais, mas cópias – que diziam respeito a toda a trajetória educacional e profissional de Lourdes, desde os tempos em que foi aluna no ensino primário até o ano de 1975. Eram documentos comprobatórios, juntados para a obtenção do título de Professora Assistente do Departamento de Matemática do Instituto de Ciências Matemática de São Carlos (ICMSC), atual Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação (ICMS), da USP de São Carlos. Ao todo, eram mais de cem documentos, todos numerados – acredito que seria um modo de organizar os itens apresentados no relatório/dossiê necessário para a obtenção do título –, que mostravam sua trajetória acadêmica e profissional até a data de entrada daquele processo. Tratava-se de cópias de diplomas, certificados, declarações, históricos, *folders* de eventos, capas ou destaques de trabalhos acadêmicos publicados, entre outros, que registravam seu

envolvimento, seja como autora, colaboradora ou participante nos eventos apresentados nos documentos.

A partir do uso desses documentos e de outros a que tivemos acesso também no arquivo pessoal de Lourdes, revisitamos sua trajetória usando essas fontes documentais para compreender suas movimentações ao longo de sua vida acadêmica. Essas fontes também nos auxiliaram a compreender como ela se constituiu em uma educadora matemática.

Compreendemos que guardar documentos, anotações, livros e tantas outras coisas nos leva a pensar no porquê dessas escolhas feitas por Lourdes e como alguém, tendo acesso a essas escolhas feitas por ela, pode buscar elaborar considerações sobre essa personagem. Ao mesmo tempo que, para o pesquisador, olhar para um arquivo é um momento de descobertas, de curiosidade e de encantamentos, devemos ter em mente que, para aquele que expõe suas memórias, emoções virão à tona, antigas expectativas e desejos poderão ressurgir, velhas práticas e costumes são lembrados e repensados.

Olhar papéis guardados por pessoas comuns, como cartas, diários, autobiografias, agendas, cadernos, bilhetes, fotografias, cartões e postais, constitui-se em convite para leituras diversas. Para aquele que guardou, o reavivar de lembranças, um retorno ao passado. Para os que ainda virão, fios que tecem a memória de uma família, de uma instituição, de uma sociedade, de uma época. Para pesquisadores, em especial historiadores da educação, folhear esses papéis possibilita mais do que admirar (Mignot, 2003, p. 5).

Quando analisamos a composição do arquivo pessoal de Lourdes, estamos elaborando um cenário, em que se objetiva entender de modo plausível uma realidade. O ato de guardar torna tudo o que está preservado indicador de um momento, e os guardados, então, nos ajudam a constituir o próprio guardador, dando sentido à sua vida, aos seus atos, às perspectivas que o levaram a projetar seus futuros.

Essa “nova” visão sobre os arquivos pessoais é apontada por Heymann e Nedel (2018) e Nesmith (2018), como decorrente da visão pós-modernista. Com o advento dessa visão pós-moderna, passam a ser levadas em conta e ressaltadas as relações entre arquivo e poder, com a atribuição de diferentes sentidos a partir de um

entendimento amplificado, que não admite o documento por si só, mas que considere o tratamento técnico que ele recebe, o lugar onde é feita a guarda e as ações a que foram submetidos ao longo do tempo (Heymann; Nedel, 2018). Dessa maneira, supera-se a crença de que o documento era envolto de uma transparência ou que carrega aspectos de objetividade do saber que era produzido, o que culmina em uma transformação de seu estatuto de um objeto de pesquisa para uma ferramenta de pesquisa (Heymann; Nedel, 2018).

Conforme aponta Nesmith (2018), o documento era descrito com auto evidente e que não necessitava de mais explicações. Já o arquivo seria pensado como um conjunto de documentos permanentes, conservado em um local físico, que recebe a denominação de “arquivo”. Assim, segundo essas definições sobre documento e arquivo,

[...] um documento ou um arquivo na verdade não fazem muita coisa, se é que fazem, e tampouco possuem qualquer característica conceitual importante; em vez disso, simplesmente estão lá, recebendo a ação – sendo prontamente identificados e enviados, recebidos, conservados e recuperados por alguém, mas sem exercer qualquer ação ou influência (Nesmith, 2018, p. 158, *itálico do autor*).

O autor propõe novas definições para documento e arquivo (Nesmith, 2018, p. 158-159 apud Nesmith 1999, p. 145-146):

[...] “documento é a mediação crescente do conhecimento a respeito de algum fenômeno – mediação criada por processos sociais e técnicos de inscrição, transmissão e contextualização”. [...] E arquivo “é a mediação contínua do conhecimento sobre documentos (e, portanto, fenômenos), ou aquele aspecto da elaboração dos mesmos que produz esse conhecimento por meio de funções como avaliação, processamento e descrição de documentos, e a implementação de procedimentos visando torná-los acessíveis”.

Com a ampliação do sentido de um documento, vinculado à prática arquivística³, passa-se a existir uma maior preocupação teórica sobre seu estudo

³ É importante destacar que o arquivo pessoal de Lourdes não passou por qualquer tipo de organização criteriosa, uma vez que está de posse dela e em sua residência. Tampouco, os documentos tiveram algum tipo de tratamento que não fosse uma reorganização que deixasse mais adequada a guarda, mas sem processos organizativos.

(Heymann; Nedel, 2018), a compreensão de que existe uma dimensão multidisciplinar ao se trabalhar com um arquivo (Heymann; Nedel, 2018) e de que existem diferentes e infinitos contextos que possibilitam a leitura de um documento, o que torna a busca por finalidades e certezas um movimento evasivo (Nesmith, 2018). Os documentos e arquivos passam a ser vistos como fenômenos culturais, o que possibilita sua compreensão (Nesmith, 2018).

Nesmith (2018) também comenta que a integridade, confiabilidade e autenticidade de um documento, não carrega traços apenas do momento de sua criação, mas de sua “criação” em um sentido mais amplo, até ele se tornar o documento que agora dispomos. As significações de um documento foram múltiplas ao longo de sua história, tanto para quem o elaborou, o guardou, o divulgou e o contextualizou, fazendo-o chegar até nós com uma nova significação (Nesmith, 2018).

O arquivo pessoal de Lourdes Onuchic nos ajuda a criá-la como personagem. Um arquivo pessoal extrapola a possibilidade de compreender um ser apenas em sua individualidade e faz com que o percebamos inserido em contextos distintos. Ao conhecer o arquivo pessoal de Lourdes, passamos a nos questionar sobre vários aspectos diferentes, por exemplo, o educacional, o histórico e o social de suas vivências, e tentamos atribuir significados possíveis àquilo a que nos é disponibilizado acesso, o que amplia a visão sobre o arquivo pessoal e os documentos.

Considerações finais

Para Dosse (2015, p. 212), “[...] a abordagem biográfica oferece a vantagem de um acesso ao sistema de subjetivação das normas institucionais e permite, só ela, resgatar a dinâmica em jogo”. Ainda segundo esse autor, o corpo social passa a ser pluralizado, e indivíduos singulares e isolados passam a ser considerados por meio de uma abordagem pautada na sociologia, o que ajuda a enriquecer a escrita biográfica a partir da variedade de percursos individuais que podem ser estudados. Essa imersão em nossa escrita biográfica foi possível pelo uso das fontes orais e da pesquisa no arquivo pessoal de Lourdes Onuchic.

As fontes orais nos forneceram diversas pistas para a compreensão de Lourdes como educadora matemática, nos apresentando informações que somente a oralidade poderia nos oferecer. Da mesma forma, as fontes documentais serviram

para disparar outras perspectivas, muitas delas à luz daquilo que foi narrado por nossa biografada em suas entrevistas. Porém, não se tratou de uma via de mão única, em que apenas as fontes orais foram “preenchidas” com as fontes documentais; contudo, o contrário também aconteceu. Isso demonstra que não deve haver um jogo de forças entre o tipo de fonte utilizada, mas como o pesquisador faz a leitura e interpretação delas, em um esforço de buscar em outras áreas como a sociologia, a filosofia, a história, entre outras, caminhos para uma interpretação plausível do passado, com o fim de uma construção histórica possível a partir das lentes em que percebemos nosso objeto de estudo.

Para que a análise das fontes orais e documentais seja mais cuidadosa e criteriosa, devemos lembrar que, ao serem produzidas as fontes autobiográficas, a memória e a imaginação se confundem e, de uma forma ou de outra, como afirma Viñao (2000), o resultado é sempre uma ficção, uma vez que são retratadas impressões, tanto do próprio autor como daqueles que vivem ao seu redor. Os arquivos pessoais e os registros autobiográficos têm o potencial de revelar o que não se conhecia ou o que era invisível da/na história e do/no mundo social, pois o pesquisador alcança a intimidade dos personagens envolvidos (Reis, 2014).

A leitura e a atribuição de significados a essas fontes implicaram em uma “[...] busca de traduzir sinais, ler nas entrelinhas, captar alusões e dominar lacunas, dialogando com os relatos de investigações [...]” (Reis, 2014, p. 72), o que serviu de fermento para nossa tentativa de biografia.

Referências

- BARROSO, E. P. (2016). Memória e Biografia: As representações de uma guerrilheira no período de Ditadura Militar Brasileira. *Anais do Encontro Nacional de História Oral*, (pp. 1-17). Porto Alegre: Associação Brasileira de História Oral.
- BOURDIEU, P. (1996) A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da história oral* (pp.183-191). Rio de Janeiro: Editora da FGV.
- DOSSE, F (2015). *O desafio biográfico: Escrever uma vida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- FERNANDES, D. N. (2011). *Sobre a formação do professor de Matemática no Maranhão: cartas para uma cartografia possível*. (Tese Doutorado em Educação Matemática). Rio Claro: Universidade Estadual Paulista.

- FERNANDES, F. S. A (2014) *Quinta História: Composições da Educação Matemática como Área de Pesquisa*. (Tese Doutorado em Educação Matemática). Rio Claro: Universidade Estadual Paulista.
- GARNICA, A. V. M. (2015) *História Oral em Educação Matemática: um panorama sobre pressupostos e exercícios de pesquisa*. *História Oral*, 18, 35-53.
- GARNICA, A. V. M.; FERNANDES, D. N.; SILVA, H. (2011). Entre a amnésia e a vontade de nada esquecer: notas sobre regimes de historicidade e história oral. *Bolema*, 25 (41), 213-250.
- GARNICA, A. V. M.; GOMES, M. L. M (2020). História oral: diversidade, pluralidade e narratividade em educação matemática. In: GONÇALVES, H. J. L. (Org.). *Educação Matemática e Diversidades*. Porto Alegre: Editora Fi, 2020. DOI - 10.22350/9786587340302.
- HEYMANN, L.; NEDEL, L (2018). Apresentação. In Heymann, L. & Nedel, L. (Orgs.), *Pensar os arquivos: uma antologia* (pp. 155-176). Rio de Janeiro: FGV Editora.
- LAROSSA, J. (2002) Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr.
- MIGNOT, A. C. V. (2003) *Papéis guardados*. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rede Sirius.
- MORAIS, M. B.; FERNANDES, F. S. (2019). Oral history and Mathematics Education: The dialogue with/among diferente theoretical and philosophical perspectives. In: GARNICA, A. V. M. (Editor). *Oral history and Mathematics Education*. Cham, Switzerland: Springer. DOI 10.1007/978-3-030-16311-2.
- NESMITH, T. (2018) Relendo os arquivos: novas contextualidades para a teoria e a prática arquivísticas. In Heymann, L. & Nedel, L. (Orgs.), *Pensar os arquivos: uma antologia* (pp. 155-176). Rio de Janeiro: FGV Editora.
- PORTELLI, A. (2016). *História oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz.
- PRIORE, M. L. M (2009). Biografia: Quando o indivíduo encontra a história. *TOPOI*, 10 (19), 7-16.
- REIS, D. A. F. (2014) *História da formação de professores de matemática do ensino primário em Minas Gerais: estudos a partir do acervo de Alda Lodi (1927 a 1950)*. (Tese Doutorado em Educação). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.
- TOILLIER, J. S. (2021). *Lourdes de la Rosa Onuchic, educadora matemática: um exercício biográfico*. (Tese Doutorado em Educação Matemática). Rio Claro: Universidade Estadual Paulista.
- VIÑAO, A. (2000) Las autobiografías, memórias y diarios como fuente historico-educativa: tipologia y usos. *Teias – Revista da Faculdade de Educação*, 1(1), 1-26.
- WHITE, H. (2001) *Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a Crítica da Cultura*. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. 2 ed. São Paulo, Editora da USP, 2001.